

Gabriel Soares Gonçalves

BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
um diálogo com docentes

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2022

Gabriel Soares Gonçalves

BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
um diálogo com docentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Gabriel Soares Gonçalves como pré-requisito para a conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física, da Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Campos

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2022

AGRADECIMENTOS

Com toda certeza esse é um dos momentos mais importantes e gratificantes da produção deste trabalho. Todos citados aqui foram de extrema importância, não só para conclusão de tal estudo, mas também para a minha formação como homem e para toda minha vivência.

Primeiramente agradeço a Deus, por sempre me acompanhar e me guiar por onde quer que eu passe. Agradeço aos meus pais, Elaine e Eduardo, e a minha irmã Luiza por me amarem e estarem sempre ao meu lado. Amo vocês!

Aos meus avós Joviniana, Fortunato, Altamira e Manoel, que sempre cuidaram de mim, vocês são minha inspiração! A minha família que sempre me apoiou e esteve comigo! Aos meus amigos, que me apoiaram e me ajudaram nessa jornada. Ao professor e orientador, Túlio Campos, que me ajudou imensamente com sua brilhante orientação. Obrigado por aceitar me orientar e me ajudar tanto a concluir o trabalho.

Sem todos citados neste, esse caminho teria sido muito mais difícil! Muito obrigado a todos!

ãA violênciã, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrotaã.

(Jean-Paul Sartre)

RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender e buscar analisar as relações entre as aulas de Educação Física escolar e o *bullying*, realizando um diálogo com três docentes da área e com os principais estudos sobre o tema. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas: *Bullying*; *Bullying e Escola*; *Bullying nas aulas de Educação Física*. Através das principais informações encontradas sobre tais temas, foi realizada uma entrevista com três docentes sobre as temáticas. Os docentes ministram aulas de Educação Física em escolas de três diferentes redes de ensino: rede privada de ensino, rede municipal de ensino e rede estadual de ensino. De acordo com os relatos dos docentes, os alunos utilizam principalmente as adjetivações do corpo, a exclusão de atividades e a falta de habilidade motora como meios para realização de atitudes violentas. Além disso, os professores relataram não observar diferença de funcionamento do *bullying* entre os gêneros.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Educação Física Escolar.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to comprehend the relationship between the Physical Education classes at school and bullying, through dialogue between three professors in the area and studies on the subject. To reach that, it was compared the point of view of three Physical Education teachers and the perspective of studies of the subject. A bibliographic review was carried out on the following topics: Bullying; Bullying and School; Bullying in Physical Education classes. From the main information found on such topics, an interview was carried out with the three teachers. The professors teach in three different types of school: a private school, a municipal school, and a state school. According to the teachers' reports, the students mainly use the adjectives of the body, the exclusion of activities and the lack of motor skills as means to carry out violent attitudes. In addition, teachers reported no difference in the functioning of bullying between genders.

Keywords: Bullying. School. Physical Education Classes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA.....	12
3	SOBRE O <i>BULLYING</i>, DO DIÁLOGO COM O PROFESSOR E AS PROFESSORAS	14
3.1	A experiência dos docentes com o <i>bullying</i>	16
3.2	Fatores que podem influenciar a ocorrência do <i>bullying</i>	18
3.3	Sobre as diferentes formas de <i>bullying</i>	20
3.4	As especificidades das aulas de educação física quanto ao <i>bullying</i>	21
3.5	Consciência e comportamento dos alunos quanto ao <i>bullying</i>	22
3.6	Os papéis do docente, da escola e da educação física quanto ao <i>bullying</i>	23
3.7	<i>Cyberbullying</i>	24
3.8	Considerações finais dos docentes.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28
	APÊNDICE	31

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* nada mais é que um fenômeno que ocorre em alguns contextos sociais, em especial nas escolas. De acordo com Rodrigues, Assmar e Jablonski (2000), o *bullying* se caracteriza como qualquer comportamento que tenha intenção de causar danos psicológicos ou físicos em outro organismo e que tenha dois aspectos essenciais: a intencionalidade da ação do agressor e a não necessidade de se tratar de uma agressão física. Neto (2005), ainda acrescenta mais um fator importante na caracterização do fenômeno, a repetição dos atos de agressão. Quanto aos participantes de casos de *bullying*, o autor os separou em quatro diferentes grupos.

Neto (2005) separou como Alvos ou Vítimas, os alunos que somente sofrem *bullying* e que na maioria dos casos, não possuem habilidade ou status para cessar os atos. Além disso, há a presença de insegurança, insociabilidade no perfil de tais estudantes, o que gera problemas para se encaixarem em grupos de alunos. Quanto aos aspectos físicos, geralmente, são diferentes dos padrões impostos por seus colegas (magro ou gordo) e têm pouco rendimento nos esportes devido às oportunidades de aprendizagem e como cada um, com seu corpo, lida com essas aprendizagens.

A segunda separação realizada por Neto (2005), diz respeito aos Autores ou Agressores, que são os alunos que somente praticam *bullying* e que normalmente são carentes de empatia. Ademais, são mais fortes ou mais influentes que seus colegas de classe, o que lhes dá vantagem em determinadas brincadeiras e esportes. Um outro aspecto frequente em tais indivíduos é a falta de relacionamento afetivo entre eles e membros de suas respectivas famílias. O terceiro grupo de alunos, segundo o autor, são os Alvos/Autores e Vítimas/Agressoras que são os alunos que em determinadas vezes sofrem e em outras praticam *bullying*. Normalmente, tais estudantes, após passarem por situações de sofrimento na escola, possuem a tendência de encontrar indivíduos mais vulneráveis que eles para que haja uma transferência das agressões sofridas.

Por último, Neto (2005) cita o grupo de Testemunhas ou Espectadores, que são alunos que não sofrem e nem praticam o *bullying*, porém convivem em um ambiente onde o fenômeno ocorre. A maioria dos estudantes se encontram nesse grupo e normalmente convivem com a violência e permanecem calados, pois têm medo de se tornarem vítimas. Além disso, há dúvida sobre como agir diante de situações de agressões.

Atualmente tais conceitos apresentados fazem sentido e estão bem claros em minha cabeça, porém nem sempre foi assim. O *bullying* fez parte de boa parte da minha infância e na

época pouco se falava sobre o assunto. A minha história com tal fenômeno começa no 1º ano do ensino fundamental, também, o primeiro ano que tive contato com um colégio grande, de maior porte. Antes, durante a fase de educação infantil, estudei em uma pequena escola localizada em meu bairro. Quando ingressei no primeiro ano do ensino fundamental, tudo era novo para mim e como era um garoto tímido e calado, não tive muita facilidade para criar relações de amizade com as outras crianças. Porém, após algum tempo fiz alguns amigos parecidos comigo, introvertidos e quietos. Além disso, na época não éramos habilidosos nas aulas de Educação Física, outro fator que facilitou bastante a entrada do *bullying* em nossas vidas.

Quando cito o termo *habilidosos* nas aulas Educação Física, me refiro especificamente às habilidades motoras identificadas por Darido (2002), que são separadas em básicas e específicas. Conforme a autora, as habilidades motoras básicas se dividem entre locomotoras e manipulativas. A primeira são habilidades como andar, correr, saltitar e saltar, a última são habilidades como arremessar, rebater, receber e chutar. Já as habilidades específicas estão relacionadas à prática de jogos, esportes e danças e são influenciadas pela cultura em que estão inseridas.

Durante o ensino fundamental, éramos quatro amigos e tentamos permanecer unidos e encarar as adversidades. Não me recordo de todos os momentos e detalhes vivenciados, pois foram diversos, lembro-me apenas de alguns mais marcantes. Havia um grupo de quatro garotos que não gostavam da gente. No início tentamos fazer amizade e até ríamos das brincadeiras que eles faziam conosco, porém nada disso adiantou. O *bullying* não fazia parte somente das aulas de Educação Física, era um evento comum e generalizado, não importando a aula e o horário. Os três garotos zombavam frequentemente das nossas condições financeiras, pois nossos pertences não eram tão caros quanto a média dos alunos da escola. Nos primeiros anos do ensino fundamental era comum levar brinquedos às sextas-feiras e tal fato fazia com que ficasse explícito a diferença econômica entre os alunos.

Nas aulas de Educação Física, era comum dois ou quatro alunos escolherem a própria equipe. Não era de se espantar que eu e meus amigos sempre éramos os últimos a serem escolhidos, o que gerava deboches na maioria das aulas. Durante os jogos, principalmente o futsal, quase não participávamos, pois os alunos evitavam ao máximo nos passar a bola. Se conseguíssemos participar de alguma jogada e errássemos, era ainda pior, pois debochavam de nós o resto da semana. Além disso, a questão racial ainda não estava tão em pauta na época, o que abria uma enorme brecha para xingamentos racistas. Dois dos meus amigos são pretos e eu, pardo. Gozações com o tom de pele, feições e tipo de cabelo eram extremamente

comuns. Outro aspecto que norteava o *bullying* eram os fatores estéticos, pois também estávamos fora do padrão de beleza da época. Um dos meus amigos, além de tudo estava acima do peso e sofria deboches relacionados a isso em todas as aulas de Educação Física, sem exceção. Tudo isso fez com que tivéssemos cada vez menos vontade de participar das aulas. É importante dizer, que muitos desses xingamentos e brincadeiras não aconteciam diante dos olhos do professor e que apesar de não terem acontecido há tantos anos, o racismo estrutural não tinha a mesma repercussão que possui atualmente.

De acordo com a minha própria experiência, os fatores que mais influenciavam o *bullying* eram: fatores físicos (aparência, tipo de cabelo, percentual de gordura corporal, cor de pele e altura), fatores sociais/comportamentais (falta de interatividade, introversão e timidez), fatores socioeconômicos (possuir objetos caros, de marca conhecida), além de falta de habilidade motora durante as aulas, principalmente nas aulas de Educação Física.

Levando em consideração as experiências relatadas e de acordo com Zequinão *et al.* (2016), o *bullying* escolar pode envolver as crianças de diferentes maneiras, fazendo com que elas assumam papéis diferenciados. Levando em consideração as experiências e os autores relatados, acredito que o *bullying* seja um fenômeno complexo, e para analisá-lo, é interessante entendê-lo a partir de vários aspectos, como: tipos de intimidação mais presentes, aspectos físicos e comportamentais que podem, de alguma maneira, interferir nas relações entre os alunos e possivelmente levar ao *bullying*, lugares em que as intimidações mais acontecem e se as relações entre os gêneros podem influenciar as relações com o *bullying*.

Malta *et al.* (2009), em pesquisa com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de 26 capitais brasileiras, apontam que 5,4% dos estudantes relataram terem sofrido *bullying* quase sempre ou sempre e 25,4% foram raramente ou às vezes vítimas do fenômeno, nos últimos 30 dias. Um número preocupante considerando o tamanho da amostra. Quanto aos tipos de intimidação mais frequentes, Moura, Cruz e Quevedo (2011) relatam que o ato mais comum é o verbal, seguido do físico, emocional, racial e sexual. Além disso, em um estudo realizado por Matos e Gonçalves (2009), os alunos relataram serem provocados com maior frequência através dos seguintes comportamentos de *bullying*: chamarem por nomes (apelidos pejorativos), espalharem boatos, piadas sexuais e deixando-os fora de atividades.

¹As palavras intimidação e violência foram tratados como sinônimos na construção deste trabalho. Ambas se referem a casos de agressões, de qualquer natureza.

Os estudos citados vão parcialmente de acordo com a minha vivência com a prática, além de demonstrarem que nem sempre o comportamento violento é físico e visível, ou seja, muitas vezes é difícil reconhecer o problema à primeira vista. Segundo o estudo realizado por Neto (2005), que procurou aferir o comportamento agressivo de 5.500 alunos de quinta à oitava série do ensino fundamental, 41,6% dos estudantes que admitiram serem alvos de *bullying* disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família. Tal fato também mostra a dificuldade no reconhecimento dos atos agressivos.

Quanto aos aspectos físicos e comportamentais, Costa, Souza e Oliveira (2012) destacaram associações feitas por diversos professores entre aspectos comportamentais dos alunos e o fato deles sofrerem preconceitos, gozações e perseguições. De acordo com os professores, a timidez, o isolamento, a falta de participação, e problemas de aprendizagem, está associado ao fato de os alunos serem vítimas de *bullying*. Além disso, os autores relataram que os professores percebem gozações e preconceitos diretos a estudantes obesos, e ainda destacam que tais atitudes são os principais obstáculos enfrentados por tais alunos no ambiente escolar. Ainda considerando os aspectos físicos, De Serpa e Pontes (2013) apresentaram um fato preocupante, segundo estudo realizado pelos autores, indígenas, negros e orientais possuem maiores chances de sofrerem *bullying* em sua vida acadêmica.

De Serpa e Pontes (2013) também pontuam que o índice socioeconômico influencia na probabilidade de alunos sofrerem *bullying* no ensino fundamental. Segundo os autores, alunos que possuem uma condição socioeconômica inferior, quando comparados a uma média global, têm uma maior chance de se tornarem vítimas do fenômeno. Outro aspecto apontado pelos autores é a diferença em como o fenômeno se apresenta nas diferentes redes de ensino. De acordo com De Serpa e Pontes (2013), as chances de alunos de escolas municipais sofrerem *bullying* no ensino fundamental é menor do que em escolas estaduais e privadas. Tal apontamento foi muito importante para o norteamento da atual pesquisa.

Quanto aos lugares em que o *bullying* ocorre, de acordo com Zequinão *et al.* (2016), as intimidações acontecem principalmente nas salas de aulas, nos recreios, nas aulas de Educação Física ou espaços destinados para tal e na saída da escola. Nesses locais, as intimidações não acontecem da mesma maneira entre meninos e meninas. Ainda segundo Zequinão *et al.* (2016), os meninos relataram maior participação nas agressões, com 32,3% tendo agredido pelo menos uma vez, contra 24,6% das meninas. Além disso, Malta *et al.* (2009) apontam que meninos relatam sofrer mais *bullying* do que meninas. Sobre tal questão de gênero, De Serpa e Pontes (2013) relatam que as chances de meninas serem vítimas de *bullying* são 50% menores, no ensino fundamental, que dos meninos.

É importante salientar que a prática do *bullying* gera consequências negativas na vida dos indivíduos envolvidos. Tal fato foi mostrado por Neto (2005), através de um estudo que procurou aferir tais consequências. Segundo o autor, as vítimas de *bullying* demonstram um quadro de baixa autoestima, capacidade mínima de autoexpressão e autoaceitação. Além disso, os atos de violência podem influenciar no desempenho escolar dos alunos, justamente pela infelicidade, medo e opressão no ambiente escolar. Tais sentimentos podem até mesmo causar doenças psicossomáticas como ansiedade e depressão. Quanto aos autores do *bullying*, existe uma maior probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos. Já as testemunhas podem reagir se sentir inseguras quanto ao ambiente escolar, o que pode influenciar negativamente sua capacidade de progredir social e academicamente.

Ainda, segundo Silva, Freitas e Fonseca (2009), a Educação Física funciona como uma vitrine, uma vez que não tem a falsa proteção das paredes da sala de aula tradicional. Nesse espaço de cultura corporal do movimento também existe contato físico e os alunos ficam mais próximos, se sentem mais à vontade e muitas vezes se esquecem que estão dentro do espaço físico da escola. Levando isso em consideração, além das consequências negativas que o *bullying* pode gerar nas escolas e nas vidas dos envolvidos em sua prática, e a ocorrência do fenômeno durante as aulas de Educação Física, o presente estudo tem como objetivo **compreender e buscar analisar as relações entre as aulas de Educação Física escolar e o *bullying*, realizando um diálogo com três docentes da área e com os principais estudos sobre o tema.**

2 METODOLOGIA

Neste trabalho, foi realizada uma revisão de literatura a partir da leitura de artigos, dos últimos 25 anos, sobre os temas: *Bullying*; *Bullying e Escola*; *Bullying nas aulas de Educação Física*. Ademais, foi realizada uma entrevista semiestruturada com três professores: um de uma escola estadual, uma de uma escola municipal, e por último, uma professora de uma escola particular. O objetivo de tal entrevista foi compreender a visão dos docentes sobre o fenômeno *bullying* nas aulas de Educação Física, a partir das diferentes vivências e propostas de ensino. Em seguida, as respostas das entrevistas foram colocadas em diálogo com as revisões de literatura realizadas. Os reais nomes dos professores e das instituições foram mantidos em sigilo, por questões éticas. Portanto, para facilitar didaticamente, as iniciais dos nomes fictícios serão as mesmas iniciais das redes de ensino em que o respectivo docente trabalha. O professor da escola estadual receberá o nome de Eduardo, a professora da escola municipal, o nome de Mônica, e por último, o nome da professora da escola particular será Patrícia.

Os três docentes ministram aulas de Educação Física em escolas situadas na cidade de Belo Horizonte. Eduardo é professor de alunos do ensino fundamental I e ensino médio em uma da rede estadual. Mônica ministra aulas para alunos do ensino fundamental II na rede municipal e Patrícia é docente de alunos do ensino fundamental I e II da rede privada de ensino. A escolha da quantidade de docentes e redes de ensino foi motivada pela quantidade de tempo disponível para a realização do trabalho, pelo fato de existir a possibilidade de entrevistar professores de três diferentes redes e pelo estranhamento causado pelo estudo de De Serpa e Pontes (2013), em que há relato de que as chances de alunos de escolas municipais sofrerem *bullying* no ensino fundamental é menor do que em escolas estaduais e privadas.

A maneira com que as entrevistas foram realizadas foi deixada à livre escolha dos docentes. Motivados pela falta de tempo de suas rotinas e pelos protocolos de segurança do covid-19, todos os entrevistados preferiram realizar as entrevistas de maneira remota. É interessante citar que anteriormente às entrevistas, foi realizada uma entrevista piloto com uma outra professora do ensino fundamental II. Tal diálogo foi realizado somente para fins de testes e treinamento, e não será utilizada no presente estudo. A entrevista foi realizada pessoalmente, porém utilizando todas as medidas necessárias para prevenção do covid-19.

Este trabalho possui caráter qualitativo, pois busca compreender e analisar aspectos subjetivos de um fenômeno social e do comportamento humano. Por meio da pesquisa qualitativa, òum fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do

qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.ö (GODOY, 1995, p. 21). Além disso, de acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada, para alguns tipos de pesquisa qualitativa, é um dos principais meios disponíveis para que o investigador realize a coleta de dados. Ademais, a entrevista semiestruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante disponha de liberdade e espontaneidade necessárias, que enriquecem a investigação. Visando tal liberdade e espontaneidade, foi optado pela realização de uma entrevista semiestruturada, que permitiu que os docentes se sentissem à vontade para discorrer mais profundamente sobre suas opiniões e experiências com o tema.

3 SOBRE O *BULLYING*, DO DIÁLOGO COM O PROFESSOR E AS PROFESSORAS

Para compreender e analisar de maneira adequada as respostas dos entrevistados, é necessário entender sobre as funções sociais do docente, da escola e da Educação Física. Além de tais funções, será discorrido também sobre o conceito de corpo e de habilidades motoras e como eles dialogam com as aulas de Educação Física. Os docentes utilizaram a ideia de tais conceitos em muitas respostas, pois são conceitos intrínsecos ao *bullying* e a inúmeros outros fenômenos sociais. De acordo com Costa (2012), a escola necessita buscar formas de fazer do processo do educando algo prazeroso e desafiador. A autora acredita que:

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem (COSTA, 2012).

Ainda, conforme González e Fensterseifer (2009):

[í] a escola é um lugar em que é possível defender e construir formas de olhar e sentir o mundo diferente daquelas que permitem outras instituições sociais. E que sua especificidade está precisamente nisso, em sua condição republicana. É dizer que, a priori, tudo é possível de ser visto sem os estreitamentos próprios de outros espaços institucionais (família, igreja, partido...) (GONZÁLEZ E FENSTERSEIFER, 2009, p. 21).

Tendo isso em mente, é importante que a escola tente ao máximo proporcionar um ambiente saudável para seus alunos, longe de hostilidades geradas por situações de *bullying*. Além disso, de acordo com González e Fensterseifer (2009), infere-se que uma das funções da escola é permitir com que os estudantes possam enxergar suas atitudes, o outro e os fenômenos sociais, de uma maneira diferente do que enxergariam em outros contextos sociais. Tal fato também mostra que a escola possui a oportunidade de mostrar o quanto o *bullying* é prejudicial para todos que participam de tal fenômeno, e assim mudar a forma com que os alunos possivelmente enxergam o *bullying*, levando em consideração que essa forma pode ter tido influências de outros contextos sociais.

Quanto a função da Educação Física, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as Práticas Corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está

sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018, p. 213).

Com isso, não é função da Educação Física trabalhar diretamente em suas aulas fenômenos sociais como o *bullying*. Porém, existe a probabilidade de tais fenômenos surgirem nos ambientes destinados à Educação Física, o que necessitaria da intervenção do docente responsável pela disciplina. Tal intervenção é muito importante para que o docente e a Educação Física cumpram seu dever de formar sujeitos políticos e autônomos. De acordo com González (2010), é importante que os docentes assumam a condição de agentes no processo de formação de sujeitos políticos, autônomos e com capacidade crítica, além de atender às responsabilidades que a sociedade deposita na escola. Ainda, conforme Costa (2012):

Ao professor compete a promoção de condições que favoreçam o aprendizado do aluno, no sentido do mesmo compreender o que está sendo ministrado, quando o professor adota o método dialético; isso se torna mais fácil, e essa precisa ser a preocupação do mesmo: facilitar a aprendizagem do aluno, aguçar seu poder de argumentação, conduzir às aulas de modo questionador, onde o aluno- sujeito ativo, estará também exercendo seu papel de sujeito pensante; que dá ótica construtivista, constrói seu aprendizado, através de hipóteses que vão sendo testadas, interagindo com o professor, argumentando, questionando enfim, trocando ideias que produzem inferências (COSTA, 2012).

A visão da docência de Costa (2012) vai de encontro à visão de Educação Física exposta por González (2010), segundo o autor:

[í] a Educação Física escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (GONZÁLEZ, 2010, p. 12).

Portanto, é dever da Educação Física e do docente oferecerem ferramentas e um ambiente em que tal formação da capacidade crítica e da autonomia da cultura corporal de movimento possa ser explorada e desenvolvida. Com isso, os alunos poderão usufruir de seus direitos como estudante, além do exercício de sua cidadania.

Tendo em mente tais assuntos discorridos anteriormente, durante a entrevista os docentes passaram algumas vezes sobre as relações entre o corpo, a Educação Física e suas relações com a convivência dos alunos. De acordo com Daolio (1995):

Na área da Educação Física fala-se muito, atualmente, sobre o corpo. Juntamente com esse substantivo, imprime-se uma série de adjetivos. Podemos aqui citar alguns: esbelto, saudável, bonito, sensual, livre, flácido, feio, reprimido, firme, mole, natural, holístico, moderno, consciente, inteiro, repugnante, prazeroso, gordo, magro, etc. Os profissionais da educação física trabalham com o ser humano sobre e

através do seu corpo e lidam, por extensão, com os adjetivos impressos no corpo. (DAOLIO, 1995, p. 24)

Assim, as adjetivações que o corpo recebe, podem ser muitas vezes utilizadas pelos alunos como repertório para violências verbais e possíveis casos de *bullying*. Daolio (1995) também explica que o corpo é fruto das interações entre a natureza e a cultura, e não meramente biológico. De acordo com o autor, há um conjunto de significados escritos nos corpos por cada sociedade. Tais significados definem o significado de corpo de variadas maneiras. Com isso, Daolio explica que:

[í] atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano - e a Educação Física faz parte delas - sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas neste contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social. (DAOLIO, 1995, p. 26)

Outro conceito importante que os docentes discorreram é o já citado conceito de habilidades motoras básicas locomotoras e manipulativas e habilidades específicas (DARIDO, 2002). Em seus relatos, os entrevistados deixam claro que tais habilidades estão diretamente ligadas a conflitos e ao *bullying*, durante as aulas de Educação Física.

Durante a realização da entrevista semiestruturada com os professores, foram levantados os tópicos anteriormente analisados durante a introdução deste trabalho. Foi levado em consideração, os tipos de intimidação mais presentes, aspectos físicos e comportamentais que podem, de alguma maneira, interferir nas relações entre os alunos e possivelmente levar ao *bullying*, lugares em que as intimidações mais acontecem e se há diferenças entre as relações de *bullying* entre os gêneros. Além disso, outros assuntos também foram apontados aos entrevistados durante a conversa, como o papel da Educação Física, da docência e da escola quanto ao *bullying*. Todas as perguntas apresentadas aos docentes estão em apêndice ao final do presente estudo.

3.1 A experiência dos docentes com o *bullying*

As perguntas iniciais da entrevista focaram em introduzir o assunto aos docentes e extrair deles o conhecimento pré-estabelecido sobre o tema. Quando perguntado sobre o que já havia lido ou ouvido falar sobre o *bullying*, o professor Eduardo respondeu que entendia o fenômeno como atitudes com características de perseguições recorrentes, vindos de um ou mais alunos em detrimento de outros estudantes. Segundo o docente, tais atitudes podem ser

verbais, como a utilização de apelidos pejorativos e físicas, em que há algum contato físico de embate entre os alunos.

A professora Mônica, quando questionada, ressaltou que reconhecia a importância do assunto e que todos deveriam conhecer e se inteirar sobre o tema, citou também que em sua escola já houve ações pontuais sobre o *bullying*. Porém, a docente não especificou muito sobre o que já havia lido e adquirido conhecimento sobre a temática. Já a professora Patrícia, respondeu que ainda não tinha uma definição exata sobre o *bullying*, mas que o enxergava como agressões verbais, físicas ou psicológicas que afetam um aluno e que ele não consegue lidar e sair de tais situações sozinho. No geral, os professores citaram parcialmente aspectos do *bullying* mostrados anteriormente por Rodrigues, Assmar e Jablonski (2000) e por Neto (2005), em que os autores caracterizam o tema como comportamentos repetitivos que tenham intenção de causar danos psicológicos ou físicos em outro organismo.

O estudo realizado por Malta *et al.* (2009), apontou que 5,4% dos estudantes, do 9º ano do ensino fundamental de 26 capitais brasileiras, relataram terem sofrido *bullying* quase sempre ou sempre e 25,4% foram raramente ou às vezes vítimas do fenômeno, nos últimos 30 dias. Além disso, o estudo realizado por Zequinão *et al.* (2016), mostrou que as intimidações também acontecem nos espaços destinados para as aulas de Educação Física. Levando em consideração tais fatos, foi questionado aos docentes se já presenciaram casos de *bullying* durante sua experiência na escola e nas aulas de Educação Física. De acordo com o professor Eduardo, a escola também faz parte da sociedade e de certa forma reproduz vários comportamentos provenientes dela. O professor relata que já presenciou casos de *bullying* na escola e nas aulas de Educação Física, mas que conseguiu atuar, junto com o corpo docente da escola para resolvê-los. O docente também cita que ultimamente os conflitos entre os estudantes tem se acirrado ainda mais, pela confusão, entre a definição de direito e opinião, que está sendo apresentada pelos alunos.

Quando questionada, a professora Mônica relatou que já presenciou vários casos de *bullying*, com presença de violências físicas e psicológicas. Porém, de acordo com a docente, mesmo ainda não sendo suficiente, os casos estão diminuindo bastante. Além disso, segundo Mônica, nas aulas de Educação Física houve poucos casos, ela ressaltou a importância da mediação do docente em tais questões para amenizar a ocorrência do *bullying*, e que adota tais medidas diariamente em suas aulas. Já a professora Patrícia, ao ser questionada, deixou claro que da maneira com que ela enxerga o *bullying*, nunca o presenciou durante sua experiência. A docente afirma que já houve inúmeros conflitos, porém não de maneira insistente e

recorrente a um ou mais alunos. Patrícia relatou que preza muito por valores em suas aulas e que sempre chama atenção dos alunos quando há algum tipo de desrespeito por parte deles.

3.2 Fatores que podem influenciar a ocorrência do *bullying*

De acordo com De Serpa e Pontes (2013), negros, indígenas e orientais possuem maiores chances de sofrer *bullying* em sua vida acadêmica. Ademais, Costa, Souza e Oliveira (2012) destacaram que os professores estudados relataram gozações e preconceitos diretos a estudantes obesos, além de comportamentos de timidez, isolamento, falta de participação e problemas de aprendizagem relacionados ao fato de os alunos sofrerem *bullying*. Levando em consideração tais aspectos e a minha experiência pessoal com o tema, foi perguntado aos docentes se eles percebiam a existência de aspectos físicos ou comportamentais dos alunos que cometiam e sofriam *bullying*.

Quando questionado sobre o assunto, o professor Eduardo relatou que o *bullying* normalmente é uma consequência do que a sociedade apresenta aos jovens como um padrão a se ter ou ser alcançado. Portanto, o corpo, etnia, gênero que é mais desagradável aos olhos da sociedade influencia diretamente nos casos de *bullying*, na visão do docente. Eduardo também destacou que os alunos que sofrem *bullying*, geralmente adotam alguns comportamentos como não querer participar das aulas, permanecerem mais retraídos e interagirem o menos possível e apresentarem um semblante mais deprimido. Além disso, de acordo com o professor, alunos obesos tentam esconder o próprio corpo através da utilização de roupas, como o moletom, mesmo no verão. O docente ainda relata que há exemplos mais extremos, como a automutilação e o fato de algumas alunas cortarem o cabelo, para evitar gozações.

A professora Mônica levanta outros pontos relacionados aos alunos que estão envolvidos diretamente com o *bullying*. Segundo a professora, os alunos que cometem as atitudes de violência, na maioria das vezes, sofrem algum tipo de violência doméstica ou em seu ciclo social. Tal relato da docente vai de encontro à Neto (2005), que aponta a categoria de Alvos/Autores e Vítimas/Agressoras, alunos que por terem enfrentado algum tipo de violência em determinado momento, apresentam atitudes agressivas para transferirem a violência sofrida.

Além disso, Mônica explica que percebe uma atitude mais agressiva de alunos que possuem uma certa dificuldade de entendimento de seu lugar no mundo. De acordo com a docente, tais alunos se tornam mais agressivos na tentativa de se impor e pertencer ao ciclo social que desejam. A professora também levanta a questão física, e esclarece que

normalmente, no período pré-pandemia, alunos mais magros, fortes e habilidosos apresentavam algum tipo de comportamento agressivo contra alunos obesos ou menos habilidosos. Porém, Mônica relata que ultimamente tais questões não tem acontecido em suas aulas, pela concepção de Educação Física que ela apresenta aos alunos. A docente destaca que em suas aulas, não prioriza a habilidade motora e que tenta acabar com a concepção de que o melhor aluno é o maior, mais forte e mais habilidoso, entre os alunos.

De acordo com a professora Mônica, atualmente o que ela mais presencia são falas violentas em relação ao gênero e orientação sexual dos alunos. Há alguns anos, ela relata que presenciava questões sobre o tipo de cabelo dos alunos. Segundo Mônica, os estudantes que possuíam cabelo crespo sofreram comentários muito difíceis de se ouvir, e que tais atitudes culminaram em um projeto escolar sobre tipos de cabelo e negritude.

Quando questionada sobre o *bullying*, a professora Patrícia respondeu que não havia presenciado nenhum caso, justamente pela caracterização de repetição que o fenômeno apresenta. Portanto, todos os relatos da docente serão sobre conflitos e atitudes violentas que ela já presenciou durante sua experiência na escola em que trabalha, mas que não se caracterizam especificamente como *bullying*. Tendo isso em mente, quando indagada sobre os aspectos físicos e comportamentais dos alunos, que podem gerar algum tipo de atitude agressiva que possivelmente resulte em casos de *bullying*, Patrícia afirmou que alunos mais habilidosos que não possuem paciência com os outros estudantes, geralmente os debocham. Segundo a docente, os alunos que normalmente mais sofrem com os deboches, são os alunos que possuem um nível maior de timidez, são menores, mais gordos ou mais fracos e menos habilidosos.

Os relatos dos três docentes dialogam em partes com o discurso, anteriormente apresentado, de Daolio (1995). De acordo com o autor, o corpo é um assunto recorrente na área da Educação Física e com isso, há adjetivações que são impressas no corpo. Segundo a fala da professora Patrícia, tais adjetivações podem ser utilizadas de maneira negativa, através de deboches e conflitos, por parte dos alunos. Isso faz com que mesmo não havendo o *bullying* propriamente dito, exista casos em que os alunos se sintam constrangidos e possivelmente o *bullying* aconteça algum tempo depois. Além disso, é importante salientar que o constrangimento dos alunos pelas gozações e deboches com seus corpos influenciam em seu bem-estar emocional e em sua vida acadêmica. Ademais, caso o *bullying* ocorra, segundo Neto (2005), um quadro de baixa autoestima e capacidade mínima de autoexpressão e autoaceitação provavelmente será apresentado pelas vítimas.

3.3 Sobre as diferentes formas de *bullying*

De acordo com Moura, Cruz e Quevedo (2011) os tipos de intimidações mais frequentes em casos de *bullying* são o verbal, o físico, o emocional, o racial e o sexual. Matos e Gonçalves (2009) ainda relatam que os alunos são provocados mais frequentemente através da utilização de apelidos pejorativos, a divulgação de boatos, piadas sexuais e a exclusão de atividades. Para analisar tais fatos na realidade dos professores, os foi perguntado sobre as principais formas de *bullying* ou de provocações que eles tiveram contato durante a docência.

Quando indagado sobre o assunto, o professor Eduardo respondeu que a principal forma de perseguição observada por ele é a tentativa de exclusão de determinado aluno pela considerada falta de habilidades motoras. Eduardo também relatou que os apelidos também são uma forma bem comum de perseguição, e que normalmente o fundamento de tais apelidos vem de características físicas dos alunos, como ser muito magro, muito gordo, muito alto, muito baixo e apresentar problemas de visão, em que necessita-se da utilização de óculos. Tal relato dialoga mais uma vez com a concepção apresentada por Daolio (1995) sobre as adjetivações do corpo. Além disso, o docente afirmou que já houve casos de alunos que apresentam algum tipo de deficiência sofrerem tentativas de exclusão e desmotivação, por parte de alguns outros alunos.

Já a professora Mônica citou a violência psicológica, como mais comum em sua experiência e logo em seguida a tentativa de exclusão do grupo. A professora destacou que entende a violência psicológica como um aluno ir, a todo momento, falar frases de caráter depreciativo para outro estudante. Quanto à exclusão do grupo, Mônica relatou que percebe frases homofóbicas e machistas como *õ não quero jogar no time dele, porque ele é viadinho e só joga no time das meninasõ*. Tais frases também foram relatadas pela professora Patrícia como cerne de alguns conflitos durante suas aulas, além das tentativas de exclusão de alunos por uma considerada falta de habilidades motoras. Nenhum dos docentes citaram agressões físicas em suas aulas, porém, de acordo com a professora Mônica, o mesmo aluno que participou de violências psicológicas durante suas aulas, já cometeu agressões físicas a outros alunos, em outros momentos.

Levando em consideração todos os relatos anteriores do professor e das professoras, é importante lembrar o conceito do papel do docente, apresentado por Costa (2012):

Ao professor compete a promoção de condições que favoreçam o aprendizado do aluno, no sentido do mesmo compreender o que está sendo ministrado, quando o professor adota o método dialético; isso se torna mais fácil, e essa precisa ser a preocupação do mesmo: facilitar a aprendizagem do aluno, aguçar seu poder de

argumentação, conduzir às aulas de modo questionador, onde o aluno- sujeito ativo, estará também exercendo seu papel de sujeito pensante; que dá ótica construtivista, constrói seu aprendizado, através de hipóteses que vão sendo testadas, interagindo com o professor, argumentando, questionando enfim, trocando ideias que produzem inferências (COSTA, 2012).

Portanto, é interessante que quando ocorra tais atitudes relatadas pelos três docentes, haja uma estratégia por parte do professor para que o objetivo da docência apresentado por Costa (2012) continue sendo cumprido.

Um outro aspecto que buscou-se ser compreendido durante a entrevista foi o caráter de gênero citado por Zequinão *et al.* (2016), Malta *et al.* (2009) e De Serpa e Pontes (2013). Para isso, foi questionado aos docentes sobre possíveis percepções sobre diferenças do fenômeno *bullying* e suas relações entre meninos e meninas. De acordo com o professor Eduardo, o funcionamento das atitudes violentas é bem parecido, e não há mudanças bruscas quanto aos comportamentos. De acordo com o docente, meninos e meninas costumam ser bem cruéis quanto às questões de gênero, orientação sexual e racial. Tais fatos também são relatados pela professora Mônica, que enxerga o *bullying* de maneira pessoal e não o liga tanto às questões de gênero. Segundo a docente, o gênero não é um fator determinante, pois ela tem observado tanto meninas quanto meninos cruéis em suas relações.

A professora Patrícia também reitera que as situações de conflitos que já acompanhou não possuem um caráter de gênero determinante. Patrícia relatou que percebe que as meninas não se cobram tanto quanto os meninos a questão das habilidades motoras durante as aulas, porém que tal fato não diminui os conflitos entre os grupos, que acontecem em uma proporção e intensidade parecidas.

3.4 As especificidades das aulas de educação física quanto ao *bullying*

Conforme Silva, Freitas e Fonseca (2009), a Educação Física funciona como uma vitrine, uma vez que não tem a falsa proteção das paredes da sala de aula tradicional. Nesse espaço de cultura corporal do movimento também existe contato físico e os alunos ficam mais próximos, se sentem mais à vontade e muitas vezes se esquecem que estão dentro do espaço físico da escola. Quando perguntados se tais aspectos, ou até mesmo outros, favorecem a ocorrência de *bullying*, os três docentes disseram não enxergar uma ligação. De acordo com eles, o *bullying* pode acontecer em qualquer ambiente, independente da disciplina, mas ressaltam que a Educação Física possui suas especificidades. Durante a aula, os alunos utilizam o próprio corpo, o que permite a extensão de casos de *bullying* pré-existentes. Além

disso, a utilização do corpo permite um olhar mais detalhado em relação aos estudantes, conforme a professora Mônica, todos se veem e se movimentam, em grupo ou separadamente.

Portanto, os professores reconhecem que há uma exposição e evidência maior dos alunos durante as aulas de Educação Física. Tal fato pode facilitar a ocorrência de conflitos e casos de violência, porém os docentes deixam claro que isso não é determinante e que tais acontecimentos podem surgir em todos os outros ambientes frequentados pelos alunos, principalmente os que normalmente não possuem a supervisão de um professor, como os intervalos e a internet.

3.5 Consciência e comportamento dos alunos quanto ao *bullying*

Quanto à consciência e comportamentos dos alunos Neto (2005) relatou que 41,6% dos 5.500 alunos de quinta à oitava série estudados, e que admitiram ser alvos de *bullying* disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família. Tendo esse dado em mente, foi perguntado aos docentes se eles observam a consciência dos alunos sobre o *bullying* e se eles costumam recorrer a ajuda de um docente ou de algum outro responsável. Quando indagado, Eduardo respondeu que desde muito cedo os alunos, em geral, apresentam uma dificuldade em exercer seus direitos e em acreditar na justiça. Segundo o professor, essa dificuldade faz com que não seja muito comum os alunos recorrerem a algum responsável. Eduardo apontou ainda um receio das testemunhas em quererem se envolver, pois de acordo com ele, elas comumente têm a visão de que o envolvimento também geraria uma perseguição ou algum tipo de problema. O docente afirmou que tal fato se relaciona diretamente com uma certa cultura de impunidade do país, e que as pessoas em geral têm a impressão de que a denúncia só agravaria o problema.

Quando questionada sobre tais questões, a professora Patrícia respondeu que quando há algum tipo de conflito, os alunos mais novos normalmente relatam quando está acontecendo, o que permite uma interferência no exato momento. Já os alunos mais velhos, não costumam expor tais acontecimentos, e que conforme a docente relata, faz com que a necessidade de um olhar mais atento seja maior. Já a professora Mônica afirmou que os alunos ultimamente estão mais atentos para o *bullying* e estão apresentando uma consciência maior sobre o assunto. Mônica relatou que tal consciência está fazendo com que os alunos diminuam alguns comportamentos antes naturalizados, entre eles. Além disso, Mônica apontou que tanto alunos quanto docentes deveriam se inteirar cada vez mais sobre o *bullying*, pois mesmo com uma maior consciência dos alunos sobre o fenômeno, segundo ela ainda não

está sendo o bastante. A docente não especificou se quando há casos de *bullying*, os alunos costumam recorrer a algum responsável.

3.6 Os papéis do docente, da escola e da educação física quanto ao *bullying*

Para analisar a opinião dos entrevistados sobre o papel que os docentes, a escola e a Educação Física deveriam desenvolver quanto ao *bullying*, os foi perguntado sobre tal assunto. Em resposta, o professor Eduardo discorreu sobre a efetividade e a recorrência do trabalho que deve ser realizado pela escola quanto ao *bullying* e suas consequências na vida acadêmica dos alunos que sofrem com tal fenômeno. Ainda, segundo o docente, é necessário haver interferências que responsabilizem os alunos que cometem as violências, por parte da escola.

Eduardo também cita sobre a promoção de palestras educativas sobre o *bullying* nas instituições, e de acordo com o professor, tais palestras possuem uma efetividade maior quando ministradas a grupos menores, onde há maior interação entre o palestrante e os alunos. O docente também apontou a importância do papel de interferência de todos quanto aos casos de *bullying*, tanto docentes quanto todos que têm algum tipo de contato com os estudantes. Por último, Eduardo comentou sobre a especificidade da Educação Física e sobre sua possibilidade de trabalhar diversos temas que podem interferir nas relações entre os sujeitos e em um possível ato agressivo, como as relações entre o corpo e os padrões impostos pela mídia, tema exemplificado pelo docente.

As professoras Mônica e Patrícia ressaltaram a importância de o docente interferir imediatamente nos casos de violência presenciados durante ou fora das aulas. Tal fato corrobora com González (2010), que discorreu sobre o quanto é importante que os docentes assumam a condição de agentes no processo de formação de sujeitos políticos, autônomos e com capacidade crítica. Portanto a interferência imediata nos casos de violência pode ser uma ferramenta utilizada pelo professor para atingir os objetivos da docência, citados por González (2010).

Ademais, no ponto de vista da professora Mônica, se a interferência apresentada pelo docente for punitiva, é necessário que o agressor tenha consciência prévia de seus atos e de suas consequências. Mônica relata também, que a Educação Física é um componente curricular das escolas e deve tratar de temas transversais e basilares, como o *bullying*. Um outro ponto exposto pela professora Patrícia, é que durante as aulas de Educação Física, os alunos têm a oportunidade de aprender que o principal objetivo das mesmas não é que os

alunos se tornem extremamente habilidosos, mas sim a interação e a participação em cada experiência proposta. Além disso, Patrícia ressaltou a importância de deixar claro aos alunos que todos estão em um período de aprendizagem e que errar faz parte do processo. Conforme opinião da docente, todos esses aspectos contribuem para amenizar conflitos e atos de violência entre os alunos.

3.7 Cyberbullying

De acordo com Amado *et al.* (2009), o *cyberbullying* é uma nova expressão do *bullying*, que surge a partir de agressões, ameaças e provocações repetidas e premeditadas realizadas através de dispositivos tecnológicos de comunicação, como *smartphones*. O fenômeno pode ocorrer através das diversas redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros. O *cyberbullying* foi um assunto que não estava programado na investigação, pois normalmente acontece fora das aulas de Educação Física e fora até mesmo das escolas. Todavia, foi um tópico citado por todos os professores, inclusive a professora Patrícia, que no início da entrevista afirmou que nunca havia experienciado um caso de *bullying* em sua carreira.

Dentre os três entrevistados, Patrícia exemplificou um caso de uma aluna do oitavo ano do ensino fundamental que tirou uma foto íntima em que o seu rosto aparecia, e a enviou a um estudante. Tal estudante divulgou a foto dessa aluna em um grupo do aplicativo *WhatsApp*, o que culminou no recebimento da imagem pela maioria dos alunos da escola. A aluna em questão, recebeu diversos tipos de comportamentos de *bullying* relatados por Matos e Gonçalves (2009) e por Moura, Cruz e Quevedo (2011), resumidos em verbal (apelidos pejorativos), emocional, divulgação de boatos e piadas sexuais. Por tais motivos, a estudante teve que trocar de escola. Portanto, é possível aferir que atualmente, com os adventos da tecnologia, o *bullying* não está presente só fisicamente dentro dos muros das escolas. Tal comportamento também acontece no lado fora e interfere diretamente no lado de dentro. De acordo com González e Fensterseifer (2009):

[í] a razão de ser da escola está fora de si, e ela só se justifica quando essa máxima é reconhecida. O melhor que podemos fazer no seu interior não é independente do seu exterior, logo, não pode ser analisada fora do seu contexto (GONZÁLEZ E FENSTERSEIFER, 2009, p. 21).

Portanto, deve-se compreender o *bullying* não só como um fenômeno intrinsecamente escolar, pois ele pode se sustentar e até surgir exteriormente à escola.

3.8 Considerações finais dos docentes

Ao final da conversa, foi aberto um momento para que os docentes pudessem discorrer sobre algo que desejam contemplar e que não foi abrangido pela entrevista, ou sobre algo que gostariam de enfatizar sobre o tema. Os três docentes reconheceram a importância do tema e que ele deve ser trabalhado na escola. O professor Eduardo também afirmou que a escola é somente uma parte do contato social dos alunos e que tal instituição não tem a capacidade de resolver o problema sozinha. Conforme o docente afirmou, os professores e a escola, no geral, não podem receber todo o peso de acabar com o fenômeno, mas também não podem apresentar um comportamento nulo quanto ao *bullying*, pois são pilares importantes para a amenização do problema.

Tal relato do docente Eduardo vai de acordo a González (2010), que aponta que:

Assumir a responsabilidade pela construção do *bullying* em EF escolar significa pensá-la dentro de um projeto escolar, não cabendo heroísmos pessoais nem disciplinares para salvar a escola, a educação ou a sociedade. Assim como a República em uma sociedade democrática é tarefa de todos os envolvidos, também a educação escolar o é, a qual deve ser pensada de modo que articule as diferentes especificidades em torno da tarefa de propiciar às novas gerações um alargamento em suas compreensões de mundo. Cabe a cada componente curricular fazer isso na especificidade de seus conteúdos, constituindo-se em espécie de janelas para o mundo (GONZÁLEZ, 2010, p. 19).

A professora Mônica discorreu sobre a importância da Educação Física e de seus estudos apresentarem um olhar mais ampliado para a educação e trabalhar temas que não são específicos da Educação Física, mas que interferem diretamente nela. Mônica afirmou que os profissionais da área possuem um olhar único e reitera a especificidade da Educação Física, que pode contribuir para temas transversais da escola e para o entendimento da educação. Por último, a professora Patrícia relatou que mesmo informando que nunca tinha experienciado casos de *bullying*, durante a conversa ela lembrou que já havia experienciado o fenômeno e reconheceu que é necessário manter um olhar mais atento, por parte de todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo mostrou que o *bullying* é um fenômeno complexo de ser compreendido e analisado. O lugar em que o fenômeno ocorre interfere também nas relações entre seus participantes. Pode-se enxergar isso nas diferenças do modo de ocorrência, surgimento e desdobramentos dos conflitos e dos casos *bullying* relatados pelos docentes durante as aulas de Educação Física e o *cyberbullying*, por exemplo. Portanto, há diversas maneiras de estudar o problema, porém tais maneiras podem dialogar entre si, afinal a escola é um ambiente vivo e está diretamente ligada ao contexto em que está inserida.

Pelo relato dos docentes, é possível inferir que os fatores socioeconômicos dos alunos não foram citados, o que descartou, ao menos na experiência dos docentes, a hipótese de que tais fatores fossem utilizados como meio para deboches e gozações. Outra hipótese descartada pelos docentes foi a diferença da relação com o *bullying* entre os gêneros, relatadas por Zequinão *et al.* (2016), Malta *et al.* (2009) e De Serpa e Pontes (2013). Os professores relataram não observar diferenças, quanto ao fenômeno, entre os gêneros. Já as adjetivações do corpo, discutidas por Daolio (1995), foram citadas pelos entrevistados como meios utilizados pelos alunos para realizarem gozações e deboches. Portanto, a Educação Física Escolar pode se apresentar como uma excelente oportunidade para diálogos e questionamentos sobre os significados que os corpos apresentam e o motivo de alguns serem subjugados.

Apesar disso, é importante salientar que apesar da Educação Física ser uma disciplina em que a relação com o corpo se torna muito evidente, o *bullying* pode ou não surgir durante as aulas. Através das entrevistas e dos estudos sobre o tema, é possível inferir que durante as aulas de Educação Física, os docentes devem estar atentos a possíveis conflitos que poderão surgir. Os conflitos podem ser motivados, principalmente, por aspectos diretamente ligados à especificidade da Educação Física, apontada pelos docentes. Ou seja, os aspectos do corpo, já citados, e as habilidades motoras dos alunos. Ademais, mesmo que o docente não perceba, tais conflitos podem já serem frutos do *bullying*, ou até mesmo serem precursores para a ocorrência do fenômeno. Portanto, a assunção do papel de agente no processo de formação e a interferência dos docentes em tais conflitos podem influenciar no surgimento e nas consequências do fenômeno. É essencial que os professores de Educação Física se preocupem com temas transversais durante suas aulas, mesmo que tais temas não sejam componentes curriculares da disciplina.

Por último, gostaria de relatar o quanto a escolha do tema foi importante para minha formação como um todo. O tema escolhido fez parte da minha história por muito tempo e observá-lo de outra maneira, como um docente em formação, foi muito interessante e construtivo. Além disso, durante minha formação na Universidade, fui convidado a enxergar a importância de compreender a Educação Física de maneira crítica e questionadora, o que me ajudou bastante no processo de formação do atual trabalho. Com certeza as informações colhidas através dos relatos dos professores e dos estudos sobre a temática foram de indescritível valia para a minha futura atuação na escola, como docente. Acredito também que o atual trabalho agregou conhecimentos que contribuirão para o entendimento por parte de docentes e discentes sobre o fenômeno *bullying*.

REFERÊNCIAS

- AMADO, João; MATOS, Armanda; PESSOA, Teresa; JÄGER, Thomas. *Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação*. **Interacções**, v. 5, n. 13, 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/409>.
- BOTELHO, R. G.; DE SOUZA, J. M. C. *Bullying e Educação Física na Escola: CARACTERÍSTICAS, CASOS, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO*. **Revista de Educação Física**, v. 76, n. 139, 2017. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/506>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COSTA, Miguel Ataide Pinto da, SOUZA, Marcos Aguiar de, OLIVEIRA, Valéria Marques de. *Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores*. **Educação e Pesquisa [online]**. 2012, v. 38, n. 3, p. 653-665. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000017>.
- COSTA, Paulo Jorge Freitas da Silva e; PEREIRA, Beatriz Oliveira. *O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar*. In: RepositoriUM. **Centro de Investigação em Educação (CIEd)**. Braga, 16 set. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/13613>.
- COSTA, Vera Lúcia Pereira. *Função social da escola*. **Retirado**. v. 12, n. 11, 2012. Disponível em: https://drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf.
- DAOLIO, Jocimar. *Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física*. **Movimento**, Porto Alegre. vol. 2, n. 2, p. 24-28, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina. *Os conteúdos da Educação Física na escola*. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.
- DE SERPA, Alexandre Luiz; PONTES, Luís Antônio Fajardo. *Bullying escolar e sua percepção pelos alunos: um estudo do SARESP*. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 24, n. 54, p. 118-141, 2013.
- FANTE C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.
- FORERO, R *et al.* *Bullying behaviour and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: cross sectional survey*. **BMJ (Clinical research ed.)** v. 319, n.7206, p.344-8, 1999. doi:10.1136/bmj.319.7206.344.
- GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa tipos fundamentais*. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>.
- GONZÁLEZ, Fernando. *Entre o ão não maisö e o ão ainda nãoö: pensando saídas do não lugar da EF escolar II*. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978/561>.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E.. Entre o ãoã maisö e o ãainda nãoö: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009.

JANKAUSKIENE, R. *et al.* Associations between school bullying and psychosocial factors. **Social Behavior and Personality**, New Zealand, v. 36, n. 2, p. 145-162, 2008.

Malta, Deborah Carvalho; Silva, Marta Angélica Iossi; Mello, Flavia Carvalho Malta de; Monteiro, Rosane Aparecida; Sardinha, Luciana Monteiro Vasconcelos; Crespo, Claudio; Carvalho, Mércia Gomes Oliveira de; Silva, Marta Maria Alves da; Porto, Denise Lopes. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 15, p. 3065-3076, 2010.

MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sónia Pedroso. *Bullying* nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 10, n. 1, 2009, p. 3-15 Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde Lisboa, Portugal.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**. v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004>.

NETO, Aramis Lopes. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>.

NETO A. Lopes, SAAVEDRA Lúcia H. **Diga não para o bullying** ó programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000200016&lng=pt&nrm=iso.

PEREIRA, Beatriz, SILVA, Marta & Iossi, NUNES, Berta. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Revista Diálogo Educacional**, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189114443004>.

SILVA, Ana Patrícia; FREITAS, José Guilherme de Oliveira; FONSECA, Michele Pereira de Souza. *Bullying* nas aulas de Educação Física: a homossexualidade em foco. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, Salvador, p. 1-6, 20 jul. 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12843999/bullyng-nas-aulas-de-educacao-fisica-a-homossexualidade-em-foco>.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella de; PEREIRA, Beatriz; CARDOSO, Fernando Luiz. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa [online]**,

v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>. ISSN 1678-4634.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista

1. O que você já ouviu falar ou leu sobre o *bullying*?
2. Você já presenciou algum caso de *bullying* na escola em sua experiência? E nas aulas de Educação Física?
3. Na sua opinião, existem alguns aspectos físicos ou comportamentais dos alunos que cometem *bullying* durante as aulas?
4. E quanto aos alunos que sofrem *bullying*, existem alguns aspectos físicos ou comportamentais que os influenciam a se tornarem alvos?
5. Você disse que já presenciou casos de *bullying* nas aulas de Educação Física. Poderia citar quais as principais formas de *bullying* que você enxerga durante as aulas de Educação Física?
6. Você consegue enxergar alguma diferença entre os tipos de *bullying* entre meninos e meninas? Se sim, quais diferenças?
7. Você considera que nas aulas de Educação Física existem aspectos que favoreçam a ocorrência do *bullying*?
8. De que maneira você observa a consciência dos alunos sobre o fenômeno? Os alunos que sofrem *bullying* ou as testemunhas costumam recorrer a ajuda de um responsável?
9. Professor, qual o papel do docente e da escola quanto aos casos de *bullying*? E o que você pensa sobre o papel da Educação Física?
10. Há alguma coisa que você gostaria de contemplar que as perguntas não abrangeram?